

# Acrônimo, 2020

# Acrônimo, 2020



Tiragem limitada



nota azul



Projeto gráfico e capa:

**Paula Hartz**

Diagramação e editoração:

**Paula Hartz, Carolina Nobre**

Editores:

**Luciano Bedin da Costa, Anna Letícia  
Ventre e Tania Galli (in memoriam)**

Conselho Editorial da Nota Azul:

**Deisimer Gorczewski**

*Universidade Federal do Ceará*

**Denise Espírito Santo da Silva**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Edson Luiz André de Sousa**

*Associação Psicanalítica de Porto Alegre, APPOA*

**Galvanda Queiroz Galvão**

*Universidade Federal do Pará*

**João Anzanello Carrascoza**

*Universidade de São Paulo*

**Manoel Ricardo de Lima Neto**

*Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro*

**Sabina Anzuategui**

*Faculdade Cásper Líbero*

**Silvio Ferraz Mello Filho**

*Universidade de São Paulo*

**Simone Zanon Moschen**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**Tiago Almeida**

*Escola Superior de Educação de Lisboa*

A187

Acrônico, 2020 / Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciano Bedin da Costa (Organizadores). - Porto Alegre: UFRGS/ Nota azul, 2022.

Homenagem a Sandra Mara Corazza

48 p.

ISBN 978-65-5973-086-5

1. Filosofia 2. Poema 3. Sandra Mara Corazza I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira II. Costa, Luciano Bedin da III. Título

CDU: 82

Apresentação.....	11
Acrônico, 2020 .....	13
2020-2021 (por Ana Santos).....	29
AnaCrônica (por Larisa Bandeira).....	35
Autoras.....	39



Produzimos este livro coletivamente no dia 15 de setembro de 2021 em uma aula do Seminário Avançado Metodologia para todos e para ninguém (PPGEdu, UFRGS), em homenagem a Sandra Mara Corazza, que nos deixou de modo surpreendente em 22 de janeiro de 2021. Tivemos como inspiração direta o poema Cronologia, de Ana Santos, presente no livro Fabulário (Confraria do Vento, 2020). O resultado de nossa escrita coletiva foi enviado a Ana Santos, que nos presenteou com o poema 2020-2021, aqui também publicado. O livro tem tiragem limitada de 365 exemplares, numerados de acordo com todos os dias do ano.





A natureza dessa escritura era feita  
com lembranças fragmentárias de  
linguagem que pululava.

*Sandra Corazza*



José Carlos Rodrigues, na sala de aula de uma turma de Educação de Jovens e Adultos, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participava de uma Oficina Biografemática. Depois de leituras em voz alta, leituras coletivas de fragmentos e textos, dedicado se colocava em ato de escrita. No último round de uma luta com as palavras, José arriscou uma definição de biografema:

“como quando dois carros se arranham, e um fica com a tinta do outro, mas o espelho retrovisor não cai”.

O que José arriscou passou a ser um modo de dizer do que se trata o biografema, aquilo que o texto provoca, aquele arranhão que arranca a tinta, que avaria a lata-ria, nesse arranhar, as camadas de tinta ficam expostas, mas a tinta do texto é exposta também.

2019. Insistimos em mensurar o tempo em calendários anuais, em semanas de agendas lotadas, em relógios digitais de horas produtivas. Até 2020.

As pequenices dos dias, as minúcias e as delicadezas espremiam-se persistentes, com a força que as coisas leves oferecem. Até 2020.

Ocupado e atarefado o tempo cronométrico passava. Desse modo, os arranhões na lataria eram imperceptíveis.

2021. Os dias contados pela média móvel. Uma média móvel que contabilizava perdas. Perdas irreparáveis. Perdas coletivas.

Janeiro de 2021 – (Ela) – S.M.C, uma perda única.

As levezas as minúcias, as delicadezas necessárias, mais do que em qualquer tempo, e mais do que o tempo, resistem. Aquilo que fica Fora reúne e organiza o coletivo, arranhados pelo texto de um ano improvável, a tinta se mantém nos sulcos da lataria, o espelho retrovisor não caiu, nele ainda é possível ver o que nos trouxe até aqui.

*Larisa da Veiga Vieira Bandeira  
& Luciano Bedin da Costa*

Acrônico, 2020



## **2018 em diante**

não lembro dos traços do rosto  
nem do motivo pelo qual sorria todas as manhãs  
gostaria de ter dito adeus

## **12 de março**

a viagem duraria o resto da vida. Não seríamos  
nunca mais as mesmas pessoas. no aeroporto, elas  
começaram a surgir assustadoramente, os rostos  
nunca mais se viram por inteiro. o retorno, incerto.  
As despedidas sim.

## **16 de março**

sem paternidade determinada, com breves localizações  
geográficas, gestava o que surgiria, isso que não iniciou,  
como todos os outros - no dia 1<sup>a</sup> de janeiro - nem  
findou em dezembro. da placenta jactante saiu essa  
linha persistente e rígida, essa força cortante e isolante,  
que passou a ser medida, no instrumento fracassado  
de contar o tempo, e que até hoje conhecemos pelo  
nome de 2020.



## **17 de março**

o todo já janeiro passou rápido como as enxurradas que marcaram os 4.4 de fevereiro, com um pouco mais de sol e solidão. aqui tudo parou. suspenso, intenso e imenso nada.

## **18 de março**

quis matar o presidente.

## **21 de março**

a morte de qualquer um é eminente, estar com a casa completa de seus habitantes deu a sensação de que ela poderia ficar do lado de fora, ao menos por enquanto. há uma semana estava julgando os italianos e seus exageros. agora isso: a morte à porta forçou a questão. e o mundo sem mim? será assim? simplesmente não mais nada de mim? ora, ora, cai a ficha: este “mim” é só mais um, estar ou não mais no tempo, o que importa aos sobreviventes? e se sobreviver? que fazer para contribuir para o mundo? que posso eu? não sei nada que fazer de útil nessas

urgências tão necessárias. inutilidade. que tenho eu para o mundo? não tem remédio, mas doses de outro tipo: há as literárias para abrandar a dor antecipada da perda de um alguém. sim, tenho a voz para dar ao mundo. eis a singeleza e a despretensão de uma voz. mais uma. eis aqui algo no mundo que nasce e pode ressoar em algum ouvido, depois da morte de mim.

### **23 de março**

já pareciam séculos

### **31 de março**

um ano que não se deu,  
mas transbordou  
em 2021, 2022...  
para imprimir no corpo  
o que a alma já sentia  
nos falta ar...

### **Abril**

não sei lidar.

## **01 de abril/ outona a vida**

a terra chora a notícia

e jorra

e verte

as águas translúcidas

são lágrimas

suspiros

partidas

ela volta ao rio

as sereias lhe entregam

o pai

retorna à vida

ambos dão-se as mãos

e vão

do vírus profundo

às cachoeiras do mundo

## **6 de abril**

a companhia sequer avisa que o voo nem existiu.

## **18 de abril**

Júpiter, Saturno e Marte em conjunção. apanha do marido. ele odeia seu tom de “professora”.

## **22 de abril**

era para ser festivo, mas a atmosfera era desesperadora, agonia, vazio... um esforço para celebrar a própria vida naquele momento em que não tinha nada a comemorar.

ano estranho que rouba as alegrias simples, o riso fácil, a bebedeira descompromissada...

## **Sempre é maio de 2020**

experiência do tempo perdido

tempo presente-passado-futuro

tudo é pensamento futuro, presente-passado

que dia é hoje?

## **13 de maio**

toca Mistério do Planeta

e ela sopra a vela comemorando - em solitude - seus 26 anos.

## **15 de maio**

mudou-se  
deixou o eles  
criou o nós

## **15 de junho**

último suspiro  
confirmação.  
agulhas, tubos, máscaras,  
oxigênio,  
não deu.  
faltou ar.  
para ele, para mim, para tantos.  
caixão lacrado  
enterro vazio  
com nome, sem rosto.  
silêncio.  
e no horizonte  
um pôr do sol  
vívido e intenso.

## **Sexta-feira**

sentiu saudade de café  
na rua José  
Bonifácio

## **10 de julho de 2021**

40...

dia de fazer 40...

40 anos de descobertas e aventuras

desalentos e tristezas

pedras e obstáculos que foram ultrapassados e  
retirados do caminho

amores, desamores, sexo, carinho, brigas, gritos,  
agressões, estupro....

fechamento de um ciclo para entrar em outro

ciclo de (re)olh(ar)es sobre o corpo e a alma  
sobre o que amar e ser amada....

amor....

## **11 de julho de 2020:**

ele partiu, inesperadamente, deixando saudade, lembranças, sabedoria, nos surpreendendo. cumpriu seu tempo, fez todo o possível por nós. Amor, cuidado, princípios.

## **Sábado, final de julho**

o hospital não respondia. estaria ela sedada, para não se sentir confusa? domingo, faleceu. “não adianta ir ver, está dentro de um saco e não podemos ter contato.”

## **16 de agosto, inverno**

aperto

rosto amassado

ossos doem

braços e pernas presos

tronco limitado

as articulações gemem

a escuta é azeda  
o gosto é alto  
um cérebro sente  
aquilo sem corpo é força  
vibrar e  
vibrar  
e gritar  
e gritar  
e a pele queima, brilha, reluz (!)  
nasce-se...

Respirar

### **De um setembro para o outro**

é de sopro e de flor que nascem os sonhos  
tal qual é a mesma força que os faz retornar  
o instante não é pura brevidade  
é também semente  
pois tudo que deita sob a terra do descanso  
permanece no vívido calor da memória



## **16 de setembro**

R. nascerá,

R. tem tremor,

R. noisinhas

R. 1999

## **Primavera**

foi noite clara

pela manhã revoada

suspirei, abri os braços

aceitei a brisa

depois veio a notícia

ela reagia, agora ela foi...

## **Uns dias,**

vésperas de primavera, emergi sufocado, sufocado,  
mas não pude evitar o mergulho nos teus olhos...

implacável sopro das areias do tempo esperando

escutarmos, tirar a concha da areia e levá-la ao

ouvido, prenúncio de efemeridade distópica, lábios

se confundindo em carnes róseas, eternidade

perene das pupilas presas, linhas magnéticas, olhar irresistível e encantador embalando a liturgia pagã, lábios arfantes, lábios acontecendo, carnudos contornos em todas as sensações oniscientes de si encerrando tudo com a dádiva de teu sorriso lindo.

## **Novembro**

quando se atravessa a rua  
se espera chegar do outro lado?

## **9 de novembro**

comemorou dia de aniversário  
a prova dos 9 do ano  
dia de todos os santos de casa  
de xangô a buda  
no buuu do susto um ufa no tempo

## **Dezembro**

o ano composto por todos os dias que parecem o mesmo  
dias de tirania da massa que não conhece o medo

esconde-se atrás de uma fanática esperança  
de viver em um lugar em que todos cada vez mais  
parecem com qualquer um  
e qualquer um talvez seja o tirano fanático  
fincado na esperança de abraçar a morte depois da  
vida que não queria  
arrastam consigo os que queriam viver a vida que  
tinham?

## **11 de Dezembro**

deita na cura

## **31 de dezembro**

sem festividades, dia como outro dia, sempre  
assim, um dia como outro dia. manhã, tarde e  
noite. refeições, ações, pausa, calor. esse diferencia  
dos desejos mais potentes. olhar para o que foi,  
espiral coluna vertebral e reverte um distorcer.  
um não, berro não, sussurro não. um ano que não  
acaba e parece dar continuidade. angústia. mas

o não derrubar, corpo resistência. sem cadeiras  
voadoras, surtos. corpo inflado, ar preenchendo e  
transbordando. vai.

## **Hoje**

hoje comi flores  
uma palavra, qualquer palavra  
invisíveis teias  
seres  
fios que nascem  
morrem...  
invisíveis

## **2022**

quantos anos e semestres nos esperam?



## 2020-2021 por Ana Santos

“Não há vida  
que pelo menos por um momento  
não tenha sido imortal.”

*Wisława Szymborska*

já não durmo: toda noite  
minha janela é um farol absurdo  
e a lua é quase  
um objeto doméstico

mas alguém sonha em mim  
talvez uma menina  
vinda de quando sabíamos  
que dia é hoje, que horas são  
de quando não nos afogávamos  
em terra firme  
sob os olhos de abutres  
ao som do anticanto das sirenes

há esta nova forma de morrer  
há o que fica  
e o que nasce enquanto  
reaprendo o sentido  
de nunca mais

“corações batem nos ovos”  
escreveu Wislawa  
sobre as derrotas da morte  
“corações param de bater  
corações são perecíveis”  
escrevo agora, em pânico  
faço o que posso para guardá-los  
do nunca mais  
o que posso não basta  
e ovos goram, corpos vivos tornam-se  
imagens indistintas na memória  
rastros  
levando a nada

salvam-me as delicadezas  
o pequeno mar nas conchas  
a companhia dos pássaros  
minha crença intermitente  
em anjos, o suposto  
peso da alma:  
vinte e um gramas

salva-me a existência de uma planta  
que vive cem anos e floresce  
uma única vez  
para morrer em seguida  
salva-me essa ideia  
de floração  
como último suspiro  
como esforço de vida





## **AnaCrônica** **por Larisa da Veiga Vieira Bandeira**

“O que o vírus faz é sequestrar a maquinaria celular da célula: a partir desse momento, ela deixa de trabalhar para sua sobrevivência e passa a multiplicar as fitas de RNA e produzir as proteínas virais.”

O que a poesia faz?

O que a poesia sequestra?

Para o que que a poesia trabalha?

O que multiplica e produz uma poesia?

Esse livro breve provém de uma aula, de uma aula que aconteceu em uma tarde de setembro do ano de 2021/2020, na junção alquímica de afetos promovida por Paola.

Estar em setembro no calendário significa que estamos há 18 meses vivendo/morrendo/insistindo/resistindo em uma Pandemia

Enquanto se cuidava dos textos, das experimentações e das minúcias da aula, a poesia de

---

<sup>1</sup> [www.paho.org/pt/covid19](http://www.paho.org/pt/covid19)

Ana Santos chegou às mãos e aos olhos de Luciano. Para a aula acontecer é preciso cuidar “das coisas”, esse cuidado prévio e necessário com as coisas da aula ocupa o corpo dos professores.

A poesia, quando é uma “das coisas” da aula inicia uma contaminação.

Algumas pessoas são acometidas de insistente vontade de ler novamente, de ler com os outros, trata-se de casos sintomáticos. A poesia de Ana Santos é sintomática.

A poesia de Ana sequestrou a maquinaria celular da aula, chegou pelo Fabulário (2017) e o poema “Cronologia” foi “a pequena centelha que inspirou essa produção”.

Ana faz dos contaminados pela sua poesia crianças anacrônicas d'O quintal das pitangas<sup>2</sup> que ouvem uma voz vinda de longe: “o buraco é fundo, termina o mundo!”.

---

<sup>2</sup> O quintal das pitangas, disponível em: [www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Poema-Ana-Santos](http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Poema-Ana-Santos)

A poesia de Ana anuncia o fim do mundo e trabalha para a sobrevivência das delicadezas, pela sobrevivência da ideia de floração.

Para essa contaminação não temos vacinas, não adiantam as máscaras, não há tratamento.

Por ser sintomática e muitas vezes acontecer em aulas é possível cortar verbas na tentativa frustrada de diminuir a contaminação, o acesso, a leitura.

Mas a poesia se multiplica exponencialmente, e ao se expandir volta para Ana e retorna aqui.

salva-me a poesia de Ana em conta-gotas,  
multiplicada em vagalumes que batem na tela

que não fecha mais  
há esta nova forma de viver  
que tateamos juntos



## **Autoras**

Ana Carolina Acom

Ana Santos

Anajara Detânico

Angelica Vier Munhoz

Caroline Silva da Luz

Cláudia Patrícia Nunes Almeida

Claudia Regina Rodrigues Carvalho

Cristian de Oliveira Andersson

Daniella da Costa Nery

Darlan Gebing Scheid

Eduarda Ritzel

Ester Maria Dreher Heuser

Fabiano Neu Pinto

Giselly Tiago Ribeiro Amado

Gláucia Figueiredo

Hassan Pereira Jalil

Iáscara Oara de Jesus

Inauã Weirich Ribeiro

Isabel Cristina Dalmoro

Jailza dos Santos Martins

Jesse da Cruz

Juliana Olders dos Santos  
Kauan Santos Almeida  
Larisa da Veiga Vieira Bandeira (org)  
Luciano Bedin Da Costa (org)  
Luzia Costa Rodeghiero  
Manuela Tatiana Garcia  
Maria Janete de Lima  
Martha Giudice Narvaz  
Micaela Koch Schmitt  
Michele Lopes Leguiça Correa  
Oreste Pereira de Oliveira  
Paola Zordan  
Priscila Lourenzo Jardim  
Rita Paula da Silva Bruço  
Sarah Leão Lopes  
Sheyla Werner Freitas  
Sônia Regina da Luz Matos  
Tamires Guedes Dos Santos  
Tatiana de Mello Ribeiro Cruz  
Tiago Amaral Sales  
Veronica De Lima Mittmann





Produzido em fonte Lora, impresso pela Gráfica  
da UFRGS no verão de 2022.

*#vaiteruniversidadepublicasim*